

# "A dependência é dolorosa", diz Therezinha

Nascida em Rio Claro em 1926, a entrevistada de João Umberto Nassif relembra as dificuldades que a família passou durante e após a crise de 1929

Therezinha de Jesus Penteadó Monteiro nasceu a 24 de maio de 1926, em Rio Claro. É filha de Nair de Jesus Penteadó e Maria de Lourdes Negreiros Penteadó que tiveram ainda os filhos: Francisco Santa Cruz Negreiros Penteadó, Vera, Therezinha e o filho mais novo. Seu pai era negociante de café, filho de fazendeiros. Sua mãe era também filha de fazendeiros, que cultivavam o café e sefreziam grandes prejuízos com a queda do café em 1929. Embora se tornassem pobres de um dia para outro, não deram prejuízo a ninguém, e tinham colono ou fonecedor. Sua mãe ficou viúva com 31 anos de idade sendo que o filho mais velho tinha oito anos e o mais novo com 50 dias de vida. Seu pai faleceu muito jovem vítima da doença então denominada pesteomemia dupla.

**Vocês moravam com o seu tio?**  
 Não, nós morávamos em Rio Claro, em uma casa alugada. Meu tio morava em São Paulo, depois ele mudou-se para Jai, cidade na qual temos parentes do ramo da nossa família: Negreiros. Assim como temos parentes aqui em Piracicaba com o sobrenome Negreiros: o Isaacino Negreiros, o Rui Negreiros.

**A origem do sobrenome Negreiros é portuguesa?**  
 Nós somos brasileiros, família com quatrocentos anos de origem, mamãe sempre disse que havia sangue espanhol, indígena e até negro nessa mistura que formou a nossa família. A família Penteadó é a mesma coisa, a vovó era da família Tur-

res, vinda do Rio de Janeiro, ela era filha do cirurmea e dador Torres, que veio aqui para Rio Claro, onde teve a vovó Elisa (mãe do papai) e deu uma fazenda

**Após formar-se, em que local que a senhora começou a trabalhar?**

Vim ser substituta de educação em Rio Claro, no Colégio Pa-ríssimo Coração de Maria. Na época eu era também a inspetora. Como substituta do professor Cardoso, também assinava as provas. No início fiquei apavorada, recém-formada, estava substituindo um professor famoso, de muita cultura. Nesse mesmo tempo, fui prestando concurso para Técnico de Educação Federal. Com muito esforço e por sorte, consegui ser classificada em último lugar, isso foi ao tempo em que Enrico Gaspar Dutra era presidente, e Caponeira era o ministro da Educação. Fui tomar posse da vaga conquistada, no Rio de Janeiro. Fui sorinha, com 29 anos. Lá eu tinha uma parente, assistente social, tinha um primo, Efigêrio Gomes, que era filho da minha tia Sebastiana Moreira Gomes. Ele morava no Rio de Janeiro e mantinha uma prima que também era da família Gomes. A primeira vez que fui ao Rio de Janeiro já fui de avô da VASP. Isso foi em 1945.

tura da Escola Normal Rural que funcionava em um prédio anexo a Zoológico da Esalq. Foi muito bem recebida pelos professores, tive um apoio muito grande, formávamos uma semana cultural, onde os professores da Escola Agrícola abriam os auditórios das escolas, isso foi em 1964. Depois a escola, mudou-se para o Isolamento. O governo transformou a escola normal rural em normal comum, nós viamos para onde foi o Isolamento dos Leprosos, o prédio foi adaptado para a nossa escola aí, até construírem o prédio da atual Escola Estadual Professor José de Mello Moraes. Quando fui construído o novo prédio, fui chamada como assessora do Delegado do Ensino Primário, Aracy de Moraes Tern, quando fui introduzido o curso secundário propriamente dito. Da delegacia secundária era o Basile. Quando se uniram as duas delegacias resolvei voltar para o Colégio Mello Moraes. Nessa época meu marido ficou doente, queria ir para Águas de São Pedro, me removi para o Colégio de São Pedro, Escola Estadual José Abílio de Paula.

**Em que ano a senhora se casou?**

Quando eu vim para cá em 1964, João Monteiro era viúvo há dois anos, trabalhava como professor de desenho na Escola Normal Rural. Casamos-nos, fui a sua esposa em segundas núpcias, ele era viúvo de Elza com quem teve dois filhos. Quando nos casamos tínhamos 64 anos em total 99. Eu era solteira e ele era viúvo. Fiquei por 14 anos casados com ele, em 1979 ele faleceu. Quando nos casamos fomos morar em uma casa situada a Rua da Boa Morte, nas proximidades do Colégio Piracicabano. Em 1977 eu me aposentei.

**Naquela época tinha um hotel na esquina da Rua D. Pedro I e Rua da Boa Morte, quase em frente a casa da senhora?**

Tinha, pertenciu ao pai do Balduino Nobre Ferraz (Tiquinho). Lembrou-me do bonde, atrás da catedral havia o ponto do bonde que ia para a Escola de Agronomia, era uma alegria, iam professores, alunos, de bonde. A Rua da Boa Morte era calçada em paralelepípedos, o bonde circulava por ela em direção ao bairro da Paulista. Iamos muito ao Mercado Municipal, João gostava de uma banca muito boa que havia lá. Ele gostava de fazer os compramos da casa. Casamos em São Paulo, no civil e no religioso, na Igreja da Cruz Terça, muito conhecida em São Paulo.

**Há quanto tempo a senhora reside no Lar dos Velhinhos?**  
 Faz 15 anos que morei no Lar dos Velhinhos de Piracicaba, acredito que a Rita, somos as mais antigas moradoras do Lar.

**A senhora é uma pessoa extremamente bem informada e atualizada. O que a leva a se atualizar imediatamente ao fato ocorrido, inclusive com riquezas de de-**



"O governo é nosso empregado, ele ainda não se conscientizou disso"

**talhes, sejam acontecimentos locais, nacionais ou internacionais?**

É o interesse pelo bem comum, por um governo melhor. Eu ainda me interessava por uma melhoria neste país. Eu tenho muito interesse na causa pátria, na causa social. Eu tenho o sentido ético e de cidadania que foi, acho que, infiltrado pela minha mãe, a tal ponto que isso é a minha vida! Que música que eu gosto? É "A Banda" de Chico Buarque, porque ela fala com muita sensibilidade da dor do povo sofrido, que se alegra ao ver a banda passar. A banda significa o ponto de alegria que o povo pode ter. São essas pequenas coisas que formam a vida humana. Sou muito ligada a vida da população, ao nosso povo, a nossa raça, ao nosso país. Sou uma pessoa que assistiu muito que ouço, que eu vejo e o que eu lico.

**O que a senhora acha desse pessoal que toca músicas praticamente sem sentido?**

Em meu ponto de vista acho péssimo! É uma queda de gente como gente. Parece mais uma coisa repetida, animalista, selvagem. No meu ponto de vista é um retrocesso. Trata-se de um retrocesso que faz parte de uma curva pela qual a humanidade tem que passar nessa época de muita violência humana, da brutalidade de gente como gente, do homem se tornar tão pequeno, ao ponto de fazer música que não tem letra. Temos que passar por essa fase que irá ser eliminada, está surgindo também uma geração de pessoas que pensam. Vejo jovens promissores frutos de famílias solidamente formadas.

**Quando não existiu uma família o alicerce ruíu. As famílias ruíram**

Existiu um incentivo ao consumo descontrolado, isso empurra a mulher para disputar cada vez mais posições e rendimentos maiores, isso prejudica na formação familiar, particularmente na infância e juventude dos filhos?

Eu acredito que a reconstrução vai depender de poucos, a maioria está contaminada. Mas os filhos desses poucos mais tarde serão os dirigentes, serão os detentores do poder. Isso é um fenômeno mundial, o homem deixou o humanismo de lado. Como já houve em tempos passados, haverá uma reavaliação, lenta, mas houve. A saída é a reversão. Há muitos adultos que estão no poder que já estão refletindo sobre isso. Não viver o tempo suficiente para poder ver essas mudanças, mas elas deverão ocorrer. As pessoas estão pensando muito no mundo que estão deixando aos seus descendentes: filhos, netos. O governo é nosso empregado, ele ainda não se conscientizou disso, acha que ele é dono da casa, dono do poder. Haverá o momento em que ele vai sentir que não é o que imaginou ser, haverá um momento crítico, em que ou ele aceita assumir seu lugar e suas funções ou será substituído.

**Há uma queda da família?**  
 Há! E essa queda da família está gerando isso.

**A senhora acompanha diariamente as últimas notícias através de canais de televisão especializados em notícias?**

Acompanho, e a opinião emitida pelos entrevistados não muito esclarecedora o mesmo sendo através de uma televisão privada é a opinião independente dada pelo entrevistado.

**A seu ver, o mundo está passando por uma fase turbulenta ou isso é uma particularidade do nosso país?**  
 O mundo todo está turbulento. Particularmente o nosso país

**A crise do café afetou muito porque não havia diversificação de plantio**

**Para a família essa queda (ou crack, em inglês), como o episódio ficou conhecido, em 1929, foi um grande abalo?**

Papai ficou muito pobre, multitrabalista, isolou-se da sociedade. Naquele tempo os fazendeiros não administravam a fazenda, entregavam para administradores. A crise do café afetou muito porque não havia diversificação de plantio. Quando nasci papai era só negociante de café e o meu irmão mais velho tinha oito anos e o mais novo com 50 dias de vida. Seu pai faleceu muito jovem vítima da doença então denominada pesteomemia dupla. Ficaram sem bens. "A casa que papai tinha construído com empréstimo do vovô Arruda Penteadó que também ficou pobre", citou Therezinha durante entrevista ao jornalista João Umberto Nassif.

**Em Rio Claro em que escola a senhora estudou?**  
 Foi no Ginásio Joaquim Ribeiro, que era uma escola muito boa. Em 1942, me formei no ginásio, houve a Reforma Caponeira, o ginásio passou a ser de cinco anos e o colegial dois anos. Veio a lei que permitia que prestássemos exames para ingressar na faculdade. Entrei na Faculdade de Filosofia de Campinas, formei-me em 1945, com a primeira turma da Faculdade de Filosofia de Campinas.

**A senhora morava em Campinas?**

Sim, morava no Pensionato Nossa Senhora de Lourdes, uma casa de freiras, vizinha a casa do arcebispo, a Rua General Osório. Minha irmã também estudava lá, ela cursava Letras e eu Pedagogia. Embora estivéssemos morando em um pensionato tinhamos parentes que moravam em Campinas, ligados a família Moreira.

**Qual era a diversão de vocês?**

Naquela época a diversão era muito restrita. A começar pelos recursos financeiros que eram muito bem controlados. A nossa diversão era, aos sábados e domingos a minha irmã saiu com o namorado e eu ia junto, ninguém recomendava, não podia sair sozinha. Meu cunhado brincava dizendo que eu era "ponto e virgula", o tempo todo junto! Iamos ao Clube de Campo, onde o meu cunhado era sócio. Era o melhor clube de Campinas, frequentávamos a melhor sociedade porque tinhamos parentes do ramo Torres da família. Os Paranhos eram casados com Torres. Essas minhas primas eram da família Paranhos Penteadó. As vezes iam lá matando a alguma festa, dormíamos na casa de nossa prima. Não tinhamos dinheiro para diversões. Separávamos dinheiro de seis meses em envelopes, quando acabava o dinheiro do mês, minha irmã e eu não entrávamos no dinheiro do mês seguinte antecipadamente. Viajamos pouco, não víhamos todas as semanas para

**A senhora era corajosa!**

Tinha que ser, tinha que lutar pela vida! Minha mãe de Educação era a primeira profissão do ministério. Foi por que era bem remunerada, eu não queria ir para o Rio, e nem mamãe queria que eu fosse, era uma separação muito difícil. Meu primo Egmo levou a um colégio de freiras carmelitas. Receberam-me pela amizade que tinham com Celina que era neta do Eg. Lá eu fiquei durante uma semana, só chorava, no pensamento as freiras não falavam. Estava se formando o Instituto Social, onde depois eu vim morar.

**Como se sentia uma menina, com 20 e poucos anos, em uma cidade como o Rio de Janeiro, totalmente independente?**

Pelo princípio que eu tinha, me ative a esse parentesco. Eu era em casa dessa Paranhos ou ficava na casa dessa Torres. Tive amizade com duas técnicas da turma que foram da minha turma. Foram para o Rio seis ou sete Técnicos em Educação de São Paulo, acabamos formando um grupo no Ministério da Educação, o Grupo de São Paulo. As meninas eram poucas, moravam em um pensionato comum. Eu não aderi a isso.

**Quando tempo a senhora morou no Rio de Janeiro?**

Morou por três anos, minha irmã e eu fomos morar no Clube de Campo, onde o meu cunhado era sócio. Era o melhor clube de Campinas, frequentávamos a melhor sociedade porque tinhamos parentes do ramo Torres da família. Os Paranhos eram casados com Torres. Essas minhas primas eram da família Paranhos Penteadó. As vezes iam lá matando a alguma festa, dormíamos na casa de nossa prima. Não tinhamos dinheiro para diversões. Separávamos dinheiro de seis meses em envelopes, quando acabava o dinheiro do mês, minha irmã e eu não entrávamos no dinheiro do mês seguinte antecipadamente. Viajamos pouco, não víhamos todas as semanas para

**Como foi a sobrevivência da família?**

Vivemos na dependência de um irmão dela, advogado, Carlos Moreira Negreiros. Mamãe foi uma lutadora belíssima, chegou a fazer doces para vender. Ela não queria que nós sofréssemos uma ruptura na educação. Estudamos em escola pública, o que foi ótimo. A dependência, mesmo da um irmão, é dolorosa mesmo. Lito Carlos sendo um santo homem. Mamãe tornou-se uma pessoa brilhante, no mesmo tempo em que nos formos como pessoas muito sérias, honestas, preparadas para a vida. Ela exigia estudo. Com isso nós quatro nos tornamos independentes. Eu escolhi o magistério, meu irmão escolheu o direito, meu irmão mais velho ingressou no serviço público, faleceu em um acidente, mas estava em uma situação privilegiada. Minha irmã tornou-se professora como eu, mas casou-se muito cedo com um médico, tiveram sete filhos. Enfim a família ficou bem constituída graças a força da minha mãe.